Sonetos Amorosos

CLXXXI

Formosos olhos, que cuidado dais
À mesma luz do sol mais clara e pura,
Que sua esclarecida formosura,
Com tanta glória vossa atrás deixais.

Se, por serdes tão belos, desprezais
A fineza de Amor, que vos procura,
Pois tanto vedes, vede que não dura
O vosso resplandor quanto cuidais.

Colhei, colhei do tempo fugitivo
E de vossa beleza o doce fruto,
Que em vão, fora de tempo, é desejado.

E a mi, que por vós morro e por vós vivo,
Fazei pagar a Amor o seu tributo,
Contente de por vós lho haver pagado.

Sonetos Amorosos

CLXXXII

Têm feito os olhos neste apartamento
Um mar de saudosa tempestade,
Que pode dar saudade à saudade,
Sentimentos ao próprio sentimento.

Em dor vai convertido o sofrimento,
Em pena convertida a piedade;
A razão tão vencida da vontade
Que escravo faz do mal entendimento.

A língua não alcança o que a alma sente.
E assi, se alguém quiser em alguma hora
Saber que coisa é dor não compreendida,

Porta-se do seu bem por que experimente
Que antes de se partir, melhor lhe fora
Partir-se do viver para ter vida.

Sonetos Amorosos

CLXXXIII

A peregrinação dum pensamento,
Que nos males fez hábito e costume,
Tanto da triste vida me consume,
Quanto cresce na causa do tormento.

Leva a dor de vencida ao sofrimento;
Mas a alma está, de entregue, tão sem lume
Que, enlevada no bem que haver presume,
Não faz caso do mal que está de assento.

De longe receei, se me valera,
O perigo que tanto à porta vejo,
Quando não acho em mi cousa segura

Mas já conheço (oh, nunca o conhecera!)
Que entendimentos presos do desejo
Não têm remédio, mais que o da ventura.

Sonetos Amorosos

CLXXXIV

Acho-me da Fortuna salteado;
O tempo vai fugindo pressuroso,
Deixando-me da vida duvidoso
E cada instante mais desesperado.

Trocou-se o meu descuido em tal cuidado
Que, donde a glória é mais, é mais penoso;
Nem vivo, de perder-me, receoso;
Nem, de poder ganhar-me, confiado.

Qualquer ave nos montes mais agrestes,
Qualquer fera na cova repousando,
Tem horas de alegria; eu todas tristes.

Vós, saudosos olhos, que o quisestes,
Pois, com tormento amor me está pagando,
Chorai, como o que vedes, o que vistes.

Sonetos Amorosos

CLXXXV

Se, no que tenho dito, vos ofendo,
Não é a intenção minha de ofender-vos;
Que, inda que não pretenda merecer-vos,
Não vos desmerecer sempre pretendo.

Mas é meu fado tal, segundo entendo,
Que, por quanto ganhava em entender-vos,
Não me deixa até agora conhecer-vos,
Por a mi próprio me ir desconhecendo.

Os dias ajudados da Ventura
A cada qual de si dão desenganos,
E a outros soe dá-lo a desventura.

Qual destas sirva a mi dirão os danos
Ou gostos que eu tiver, enquanto dura
Esta vida, tão larga em poucos anos.

Sonetos Amorosos

CLXXXVI

Quanto tempo, olhos meus, com tal lamento
Vos hei-de ver tão tristes e agravados?
Não bastam meus suspiros inflamados,
Que sempre em mi renovam seu tormento?

Não basta consentir meu pensamento
Em mágoas, em tristezas e em cuidados,
Senão que haveis de andar tão maltratados
Que lágrimas tenhais por mantimento?

Não sei porque tomais esta vingança,
Mostrando-vos na ausência tão saudosos,
Se sabeis quanto pode uma esperança.

Olhos, não agraveis outros formosos,
Tornando um puro amor em esquivança,
Pois ficais, por esquivos, desdenhosos.

Sonetos Amorosos

CLXXXVII

Quando os olhos emprego no passado,
De quanto passei me acho arrependido;
Vejo que tudo foi tempo perdido,
Que todo o tempo foi mal empregado.

Sempre no mais danoso mais cuidado;
Tudo o que mais cumpria mal cumprido;
De desenganos menos advertido
Fui, quando de esperanças mais frustrado.

Os castelos que erguia o pensamento,
No ponto que mais alto os erguia,
Por esse chão os via em um momento.

Que erradas contas faz a fantasia!
Pois tudo pára em morte, tudo em vento,
Triste o que espera, triste o que confia!

Sonetos Amorosos

CLXXXVIII

Já cantei, já chorei a dura guerra
Por Amor sustentada longos anos;
Vezes mil me vedou dizer seus danos,
Por não ver quem o segue o muito que erra.

Ninfas, por quem Castália se abre e cerra;
Vós, que fazeis à morte mil enganos,
Concedei-me já alentos soberanos
Para que diga o mal que Amor encerra;

Para que aquele que o seguir, ardente,
Veja em meus puros versos um exemplo
De quanto em glórias prometidas mente.

Que inda que em triste estado me contemplo,
Se neste assunto me inspirais, contente
Darei a minha lira ao vosso templo.

Sonetos Amorosos

CLXXXIX

Os meus alegres, venturosos dias
Passaram como raio, brevemente;
Movem-se os tristes mais pesadamente
Após das fugitivas alegrias.

Ah falsas pretensões, vãs fantasias,
Que me podeis já dar que me contente?
Já de meu triste peito a chama ardente
O Tempo reduziu a cinzas frias.

Nelas revolvo agora erros passados,
Que outro fruto não deu a mocidade,
A que vergonha e dor minha alma deve.

Revolvo mais de toda a mais idade
Desejos vãos, vãos choros, vãos cuidados,
Para que leve tudo o Tempo leve.

Sonetos Amorosos

CXC

Onde acharei lugar tão apartado,
E tão isento em tudo da ventura,
Que, não digo eu de humana criatura,
Mas nem de feras seja frequentado?

Algum bosque medonho e carregado,
Ou selva solitária, triste e escura,
Sem fonte clara ou plácida verdura,
Enfim, lugar conforme a meu cuidado?

Porque ali, nas entranhas dos penedos,
Em vida morto, sepultado em vida,
Me queixe copiosa e livremente;

Que pois a minha pena é sem medida,
Ali triste serei em dias ledos
E dias tristes me farão contente.

Sonetos Amorosos

CXCI

Os olhos onde o casto Amor ardia
Ledo de se ver nelas abrasado;
O rosto onde, com lustre desusado,
Purpúrea rosa sobre neve ardia;

O cabelo, que inveja ao sol fazia;
Porque fazia o seu menos dourado;
A branca mão, o corpo bem talhado,
Tudo aqui se reduz a terra fria.

Perfeita formosura em tenra idade,
Qual flor que, antecipada, foi colhida,
Murchada está da mão da Morte dura.

Como não morre Amor de piedade,
Não dela, que se foi à clara vida,
Mas de si, que ficou em noite escura?

Sonetos Amorosos

CXCII

Depois de haver chorado os meus tormentos,
Quer Amor que lhe cante as suas glórias.
Canto de uma beleza os vencimentos,
De um longo padecer choro as memórias.

Porém, se as minhas penas são vitórias
Pôr a causa a meus altos pensamentos,
Dilatem-se em larguíssimas histórias,
Estes meus gloriosos rendimentos.

Mova-se em todo o mundo único espanto
De que é pela beleza que eu adoro,
Do que cantado tenho prémio o pranto.

Contente ofereço a Amor tão triste foro;
Que se choro, não há como o meu canto,
Não sei canto melhor que este meu choro.

Sonetos Amorosos

CXCIII

Onde mereci eu tal penamento
Nunca de ser humano merecido?
Onde mereci eu ficar vencido
De quem tanto me honrou co vencimento?

Em glória se converte o meu tormento,
Quando vendo-me estou tão bem perdido;
Pois não foi tanto mal ser atrevido,
Como foi glória o mesmo atrevimento.

Vivo, Senhora, só de contemplar-vos;
E pois esta alma tenho tão rendida,
Em lágrimas desfeito acabarei.

Porque não me farão deixar de amar-vos,
Receios de perder por vós a vida;
Que por vós vezes mil a perderei.

Sonetos Amorosos

CXCIV

De frescas belvederes rodeadas
Estão as puras águas desta fonte;
Formosas Ninfas lhes estão defronte,
A vencer e a matar acostumadas.

Andam contra Cupido levantadas
As suas graças, que não há quem conte;
Doutro vale esquecidas, doutro monte,
A vida passam neste sossegadas.

O seu poder juntou, sua valia,
Amor, já não sofrendo este desprezo,
Somente por se ver delas vingado.

Mas, vendo-as, entendeu que não podia
De ser morto livrar-se, ou de ser preso,
E ficou-se com elas desarmado.

Sonetos Amorosos

CXCV

Nos braços de um Silvano adormecendo
Se estava aquela Ninfa que eu adoro,
Pagando com a boca o doce foro,
Com que os meus olhos foi escurecendo.

Ó bela Vénus! porque estás sofrendo
Que a maior formosura do teu coro
Em um poder tão vil perca o decoro
Que o mérito maior lhe está devendo?

Eu levarei daqui por pressuposto
Desta nova estanheza, que fizeste,
Que em ti não pode haver cousa segura.

Que, pois o claro lume, o belo rosto
Aquele monstro tão disforme deste,
Não creio que haja Amor, senão Ventura.

Sonetos Amorosos

CXCVI

Quem diz que Amor é falso ou enganoso,
Ligeiro, ingrato, vão, desconhecido,
Sem falta lhe terá bem merecido
Que lhe seja cruel ou rigoroso.

Amor é brando, é doce e é piadoso.
Quem o contrário diz não seja crido;
Seja por cego e apaixonado tido,
E aos homens, e inda aos deuses, odioso.

Se males faz Amor, em mi se vêem;
Em mi mostrando todo o seu rigor,
Ao mundo quis mostrar quanto podia.

Mas todas suas iras são de amor;
Todos estes seus males são um bem,
Que eu por todo outro bem não trocaria.

Sonetos Amorosos

CXCVII

Formosa Beatriz, tendes tão jeitos
Num brando revolver dos olhos belos,
Que só no contemplá-los, senão vê-los,
Se inflamam corações e humanos peitos.

Em toda perfeição são tão perfeitos
Que o desengano dão a merecê-los;
Não pode haver quem possa conhecê-los,
Sem nele Amor fazer grandes efeitos.

Sentiram, por meu mal, tão graves danos
Os meus que, com os ver, cegos e tristes
Ficaram, sem prazer, co a luz perdida.

Mas, já que vós com eles me feristes,
Tornai-me a ver com eles mais humanos,
E deixareis curada esta ferida.

Sonetos Amorosos

CXCVIII

Alegres campos, verdes, deleitosos,
Suaves me serão vossas boninas,
Enquanto forem vistos das meninas
Dos olhos de Inês bela tão formosos.

Dos meus, que vos serão sempre invejosos
Por não verem estrelas tão divinas,
Sereis regados de águas peregrinas,
Soprados de suspiros amorosos.

E vós, douradas flores, por ventura
Se Inês quiser fazer de meus amores
Experiências na folha derradeira,

Mostrai-lhe, para ver minha fé pura,
O bem que sempre quis, formosas flores,
Que então não sentirei que mal me queira.

Sonetos Amorosos

CXCIX

Ondados fios de ouro, onde enlaçado
Continuamente tenho o pensamento;
Que, quanto mais vos solta o fresco vento,
Mais preso fico então de meu cuidado.

Amor, duns belos olhos sempre armado,
Me combate co'as forças do tormento,
Provando da minha alma o sofrimento
Que à justa lei da paz trago obrigado.

Assim que em vosso gesto mais que humano
Amo a paz juntamente e o perigo,
E em amor um e outro não me engano.

Muitas vezes dizendo estou comigo
Que pois é tal a causa de meu dano,
É justa a guerra, e justa a paz que sigo.

Sonetos Amorosos

CC

Amor, que em sonhos vãos do pensamento
Paga o zelo maior de seu cuidado,
Em toda a condição, em todo estado,
Tributário me fez de seu tormento.

Eu sirvo, eu canso, e o grão merecimento
De quanto tenho a Amor sacrificado,
Ns mãos da ingratidão despedaçado
Por presa vai do eterno esquecimento.

Mas quando muito, enfim, cresça o perigo,
A que perpetuamente me condena
Amor, que amor não é, mas inimigo.

Tenho um grande descanso em minha pena,
Que a glória do querer, que tanto sigo,
Não pode ser cos males mais pequena.